

COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DA CARNE DE FRANGO FRENTE ÀS EXPORTAÇÕES AMERICANAS

Bárbara Françoise Cardoso Bauermann¹

Eduardo Alvares²

Gabriel Pereira Matkiewicz³

Jefferson das Chagas Oleques⁴

João Vitor Aguiar de Oliveira⁵

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a evolução das exportações brasileiras da carne de frango, destacando a competitividade delas em relação às exportações americanas de 1997 a 2017. Trata-se de uma pesquisa exploratória descritiva com abordagem qualitativa e quantitativa. A evolução das exportações foi analisada por meio do contexto econômico brasileiro e internacional, enquanto a competitividade das exportações foi estimada por meio do índice de Vantagem Comparativa Revelada. Os resultados apontaram que o Brasil possui vantagem comparativa revelada sobre os Estados Unidos em todos os anos, o que corrobora com o fato de a carne de frango ser um dos principais produtos da pauta exportadora brasileira e não o ser na pauta exportadora americana.

Palavras-chave: Comércio internacional; Exportações de carne de frango; Brasil; Estados Unidos; Vantagem Comparativa Revelada.

COMPETITIVENESS OF THE BRAZILIAN EXPORTS OF CHICKEN MEAT IN RELATION TO THE AMERICAN EXPORTS

ABSTRACT

This paper aims to analyze the evolution of the Brazilian exports of chicken meat, highlighting the competitiveness of Brazilian exports compared to American exports from 1997 to 2017. This is a descriptive exploratory research with a qualitative and quantitative approach. The evolution of exports was analyzed through the Brazilian and international economic context, while the competitiveness of exports was estimated using the Index of Comparative Advantage Revealed. The results showed that Brazil has a comparative advantage over the United States in all years, which corroborates the fact that chicken meat is one of the main products on the Brazilian export basket and not be one of them on the American export basket.

Keywords: International trade; Chicken meat exports; Brazil; United States; Revealed Comparative Advantage.

JEL: F1; Q13

¹ Doutora em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Doutora em Agraria e Ambiente pela Università Politecnica delle Marche (UNIVPM). Associada Profissional do Instituto de Tecnologia Aplicada e Inovação (ITAI). Professora do Centro Universitário União Dinâmica das Cataratas (UDC). E-mail: barbarafcardoso@gmail.com

² Bacharel em Administração pelo Centro Universitário Dinâmicas das Cataratas – UDC. E-mail: dudu.alvares1@gmail.com

³ Bacharel em Administração pelo Centro Universitário Dinâmicas das Cataratas – UDC. E-mail: gabrielpm.adm@gmail.com

⁴ Bacharel em Administração pelo Centro Universitário Dinâmicas das Cataratas – UDC. E-mail: jeff.chagas@hotmail.com

⁵ Bacharel em Administração pelo Centro Universitário Dinâmicas das Cataratas – UDC. E-mail: joao.aguiar@hotmail.com



1 INTRODUÇÃO

O consumo da carne de frango faz parte da dieta dos brasileiros e tornou-se um hábito alimentar constante, especialmente em função do baixo custo, da qualidade nutricional e da facilidade de preparo. De acordo com o portal AVISITE (2018), o consumidor brasileiro está próximo de atingir o consumo de 50 kg/habitante/ano, assemelhando-se aos grandes consumidores internacionais.

Historicamente, a produção da carne de frango no Brasil estava voltada ao consumo próprio e, a partir da década de 1960, com a evolução da tecnologia, a atividade ganhou autonomia. Assim, passaram a ser utilizados insumos para engorda dos frangos que eram vendidos aos frigoríficos para abate (EMBRAPA, 2017).

O Brasil em sido referência no que se refere à produção e exportação de carne de frango. Um dos motivos é a alta tecnologia e o alto investimento no processo produtivo de frangos. Contudo, as barreiras comerciais impostas sobre a carne de frango brasileira, têm dificultado o aumento do lucro, visto que os países desejam defender seu próprio comércio interno (KUHN; SCHNEIDER, 2014).

Os Relatórios Anuais divulgados pela Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) destacam a evolução do crescimento e a importância da produção de carne de frango no Brasil. O panorama mostra que, em 2006, o país produziu 9,34 milhões de toneladas, enquanto, em 2017, a produção chegou a 13,05 milhões de toneladas. Os dados apontam que 66,9% da produção abastecia o mercado interno e 33,1% foram destinados às exportações (ABPA, 2018).

Embora o cenário da produção da carne de frango no Brasil tenha se mostrado positivo nos últimos anos, os custos de produção têm aumentado consideravelmente. Segundo dados da EMBRAPA (2019), em 2018 houve um aumento de 11,65% no custo de nutrição dos frangos. Isto se deveu ao atraso da colheita da soja no Brasil e ao plantio tardio do milho, que refletiram na valorização dos preços.

No que concerne às exportações brasileiras de carne de frango, o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA) previu que, em 2018, haveria um excedente de produção devido ao ritmo de recuperação da economia pós-crise internacional de 2015. Esse excedente de produção se justificaria pelo aumento dos

custos de produção, baixo preço de venda e o não cumprimento das normas e requisitos exigidos por alguns países para sua exportação.

As exigências à exportação da carne de frango têm se tornado mais rígidas e custosas ao longo dos anos, fazendo com que muitos exportadores brasileiros não se adequem às barreiras comerciais impostas por alguns dos principais parceiros comerciais do país. Dentre as barreiras vigentes, as mais recorrentes são as sanitárias e fitossanitárias, que objetivam proteger a saúde humana, animal e a sanidade vegetal.

Em abril de 2018 houve um embargo parcial das exportações para a União Europeia em decorrência das investigações da Polícia Federal brasileira, denominada Operação Trapaça. Estava sendo investigado um esquema de fraude nas concessões de laudos falsos que atestavam a inexistência da bactéria salmonela nos carregamentos destinados à exportação (ABPA, 2019).

A ABPA (2019) expõe que, em janeiro de 2019, a Arábia Saudita barrou as importações da carne de frango de 5 dos 30 frigoríficos brasileiros que exportavam para o país, devido a critérios técnicos não especificados. A China embargou, em 2018, as exportações brasileiras devido à acusação de *dumping*.

O estudo da análise da competitividade brasileira nas exportações de frango é de suma importância pelo fato de o Brasil ser considerado uma superpotência na produção de alimentos em setores de agricultura e abate de animais. Além disso, este estudo é de grande valia para o desenvolvimento de novas pesquisas com foco em barreiras comerciais na exportação da carne de frango brasileira, discorrendo sobre os efeitos na produção até a exportação para países das Américas Latina, Central e do Norte, bem como outras nações do Oriente e do Ocidente, demonstrando que o Brasil está dentre as grandes potências mundiais produtivas.

Isto posto, ressalta-se que o objetivo deste trabalho é analisar a evolução das exportações brasileiras da carne de frango, destacando a competitividade delas em relação às exportações americanas de 1997 a 2017. Para tanto, utilizou-se o índice de Vantagens Comparativas Reveladas (VCR), que reflete a situação de determinado produto em relação a outros países, além de auxiliar o setor público na formulação de políticas públicas setoriais visando estratégias competitivas para as indústrias do setor.

Para melhor compreensão deste trabalho, ele está dividido em cinco seções, sendo a primeira esta breve introdução. A segunda seção apresenta o referencial teórico acerca das barreiras comerciais no comércio internacional. Os procedimentos metodológicos se encontram na terceira seção. A quarta seção apresenta os resultados da pesquisa. E, por fim, a quinta seção aborda as considerações finais.

2 BARRERAS COMERCIAIS NO COMÉRCIO INTERNACIONAL

Historicamente, a economia internacional se desenvolveu a partir do acúmulo de metais preciosos. Desde então, para movimentar essas mercadorias e suprir as necessidades comerciais, os países passaram a unir forças, dando origem às trocas internacionais. As relações de troca e venda ganharam complexidade no decorrer dos anos, o que influenciou direta e indiretamente nas relações comerciais. As transações internacionais tiveram seu fluxo condicionado pelas estratégias comerciais do governo, das empresas privadas e das instituições (GOES; PONTILI, 2014).

Cada país possui regulamentações que se aplicam às transações comerciais. São os órgãos oficiais do governo que determinam as regras, influenciando na elaboração de leis, normas, cultura e costumes, levando à uma mudança institucional sempre que necessário. A Organização Mundial do Comercio (OMC) foi criada para mediar os interesses das nações, responsável por supervisionar e liberar o comércio internacional (GOES; PONTILI, 2014).

De acordo com Souza (2018, p. 35), “as barreiras comerciais são medidas impostas pelo governo de um determinado país como forma de proteção ao mercado interno ou de prerrogativas privilegiadas a determinados parceiros comerciais”. As barreiras comerciais são divididas em barreiras tarifárias e barreiras não tarifárias.

As barreiras tarifárias também são denominadas direitos aduaneiros e são tarifas incidentes sobre as importações ou exportações, sendo que as tarifas sobre exportações são mais raras. As barreiras não tarifárias, por outro lado, são quaisquer barreiras impostas sem ser em forma de tarifa.

As barreiras tarifárias são classificadas em quatro modalidades:

1. Tarifas *ad valorem*: são tarifas impostas na forma de percentual incidente sobre a base de cálculo ou preço do produto.

2. Tarifas *ad mensuram*: são valores impostos sobre uma unidade de medida.

3. Tarifas mistas: são aquelas que conciliam as tarifas *ad valorem* e a *ad mensuram* em uma única tarifa.

4. Tarifas técnicas: são aquelas impostas considerando-se o conteúdo ou componentes do produto.

As barreiras não tarifárias, por sua vez, podem envolver:

1. Cotas tarifárias: limite quantitativo além do qual a alíquota do imposto de importação incidente é maior.

2. Cotas não tarifárias: limite quantitativo além do qual o governo não autoriza a entrada do produto no país.

3. Subsídios: contribuição financeira concedida pelo governo para beneficiar um setor específico da economia.

4. Medidas *antidumping*: medidas de resposta ao *dumping*.

5. Medidas compensatórias: medidas de respostas ao subsídio.

6. Medidas de salvaguarda: medidas de defesa comercial para conter surtos de importações.

7. Licenças de importação: autorização governamental para a realização da importação.

8. Taxas múltiplas de câmbio: adoção de taxas de câmbio diferentes conforme o produto.

9. Regulamentações técnicas: medidas que garantem o cumprimento de requisitos mínimos de qualidade e desempenho do produto.

10. Medidas sanitárias e fitossanitárias: medidas que visam proteger a saúde e a vida das pessoas e animais e preservar os vegetais.

11. Práticas arbitrárias de valoração aduaneira: superdimensionamento da base de cálculo das tarifas.

12. Acordos voluntários de restrição às exportações (AVREs): acordos bilaterais nos quais uma das partes se compromete a limitar suas exportações para a outra parte.

13. Requisitos de conteúdo nacional: medidas que condicionam a concessão de vantagens e benefícios a uma preferência por produtos nacionais.

14. Formalidades alfandegárias: acontece quando os procedimentos aduaneiros forem muito burocráticos e complicados, acarretando custos adicionais.

Salvatore (2007) estabelece que, embora as tarifas tenham sido, historicamente, a forma mais importante de restrição comercial, existem muitos outros tipos de barreiras comerciais que se destacam, tais como as quotas de importação, restrições voluntárias às exportações e ações *antidumping*.

De acordo com Segre *et al.* (2018), as barreiras mais significativas no comércio de bens são as barreiras tarifárias. No que se refere aos produtos agropecuários, as barreiras sanitárias e fitossanitárias também prevalecem.

Goes e Pontili (2014) argumentam que as barreiras não tarifárias não possuem uma identificação clara, podendo aparecer de diferentes formas e, na maioria das vezes, não são transparentes. No comércio com países onde existe cultura e valores diferentes, pode haver procedimentos distintos. Países como os Estados Unidos, União Europeia e Japão, por exemplo, mantêm mecanismos que dificultam a entrada de alguns produtos brasileiros em seus mercados, tais como cotas tarifárias de importação e barreiras sanitárias e fitossanitárias.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o intuito de analisar a evolução das exportações brasileiras de carne de frango e a competitividade destas frente às exportações americanas, utilizou-se o índice de Vantagens Comparativas Reveladas (VCR), que reflete a situação do produto na pauta das exportações do país em relação a outros países.

O índice VCR é um dos métodos mais utilizados para análise de vantagens comparativas, uma vez que fornece um indicador da estrutura relativa das ações de determinada *commodity*, de um país ou região ao longo de um período. Este índice é calculado da seguinte forma:

$$VCR_{ik} = \frac{X_{fp}/X_{fm}}{X_p/X_m}$$

Em que VCR_{ik} é o índice de Vantagens Comparativas Reveladas; X_{fp} é o valor das exportações da carne de frango de determinado país, neste caso, $p = \text{Brasil, Estados Unidos}$; X_{fm} é o valor das exportações mundiais de carne de frango,

exceto o valor correspondente às exportações do país p ; X_p é o valor das exportações totais do país p , exceto o valor correspondente às exportações de carne de frango; e X_m é o valor das exportações mundiais totais, exceto o valor correspondente às exportações do país p .

O índice VCR é uma razão de proporções, em que seu resultado é obtido através da divisão da participação das exportações da carne de frango na pauta de exportações do Brasil ou dos Estados Unidos, pela participação das exportações de carne de frango na pauta mundial de exportações.

Assim, o resultado do índice VCR revela se determinado país possui vantagens comparativas na exportação de carne de frango, em relação a seu peso dentro da pauta exportadora do país com a pauta de exportação mundial (CARDOSO; GALANTE, 2014).

O índice VCR pode variar de zero a infinito. Valores acima da unidade indicam que o país tem vantagem comparativa revelada nas exportações de determinado produto, enquanto para valores abaixo da unidade, o país em questão apresenta desvantagem comparativa.

O cálculo da vantagem comparativa revelada foi feito ano a ano, de 1997 a 2017. Os dados das exportações totais brasileiras foram obtidos no Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). As exportações totais dos Estados Unidos foram obtidas na *United Nations Conference on Trade and Development* (UNCTAD). Já as exportações totais mundiais foram obtidas no Banco Mundial (The World Bank). E, por fim, as exportações de carne de frango totais, brasileiras e americanas foram obtidas na *Food and Agriculture Organization of the United Nations* (FAO).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, faz-se necessária a análise da evolução das exportações brasileiras de carne de frango para, então, se analisar o índice VCR.

4.1 Cenário da evolução das exportações da carne de frango

A participação do Brasil no comércio internacional de carne de frango vem aumentando significativamente nas últimas décadas em função do clima favorável,

dos investimentos em tecnologia, da alta produtividade e da diversidade na produção.

No final da década de 1950, a avicultura se desenvolveu em grande escala no estado de São Paulo. A partir de 1970, as atividades da avicultura se deslocaram para a região sul do país, devido à inclusão de matrizes americanas, à instalação de granjas e à presença de técnicos e extensionistas para orientar e estimular os avicultores (COSTA, 2011).

As exportações brasileiras iniciaram em meados da década de 1970, quando a produção deixou de ser voltada apenas para o consumo interno e passou a atender o mercado externo. O processo de transformação na cadeia produtiva do frango principiou na década de 1990 com a abertura comercial, com a implantação do Mercosul e com o período de estabilização da economia em função da implantação do Plano Real, possibilitando a exploração de novos mercados. A reestruturação dos produtores, a dinamização das técnicas de produção e os avanços tecnológicos no setor levaram à elevação da produção e à exploração de novos mercados (SILVA, 2011).

O aumento da procura pela carne de frango acarretou acréscimo da produção interna do produto, visto que houve uma relativa queda do preço em relação às outras carnes entre 1989 e 1995 – queda de 76,3% no preço real do frango na praça de Campinas. A partir de 1995, houve uma estabilização do preço devido a um maior controle econômico, registrando-se um aumento de 2,66% entre 1995 e 2002 (AVISITE, 2018). O cenário produtivo no país estava mais moderno em relação aos equipamentos e técnicas de manejo no período mencionado, dispondo de material genético eficiente para produção de frangos com alta qualidade e elevada produtividade e preços extremamente competitivos nos mercados domésticos e internacional (ABPA, 1999).

De acordo com ABPA (2018), houve, após 2002, um aumento significativo das exportações, em volume e receita cambial sobre os números de 2001. Foram embarcadas mercadorias brasileiras para mais de 100 diferentes mercados no Oriente Médio, Europa, Ásia, Rússia, África, Caribe, Mercosul, entre outros. O aumento significativo de 28% das exportações do setor demonstra a qualidade e a competitividade, apesar das turbulências ocorridas no período (episódios sanitários – Influenza Aviária – na Ásia e Europa, principalmente). O ritmo de vendas do setor

brasileiro exportador de frangos superou em 14% as estimativas do *United States Department of Agriculture* (USDA) para o desempenho do país em 2002, e alcançou a participação de 30% nas exportações totais estimadas, consolidando o Brasil como segundo maior exportador de carne de frango.

Em 2004, o Brasil bateu novo recorde de exportação de carne de frango. Segundo o Relatório Anual da ABPA (2004), os resultados positivos devem-se às mudanças nos fluxos de comércio motivadas por ocorrências sanitárias como a “vacina louca” no Canadá e nos Estados Unidos, em maio e dezembro de 2003, respectivamente; e à “gripe do frango”, em países asiáticos como a Tailândia, Vietnã, China, e em países de outros continentes, como Estados Unidos e Canadá, ao longo de 2003. A qualidade, a sanidade e a agressividade comercial também influenciaram nos resultados do setor, mesmo em face ao sistema de quotas estabelecido pela Rússia, que restringiu suas importações. Além disso, houve um injustificado embargo aplicado pela Rússia sobre as exportações brasileiras.

A partir de 2004, o Brasil assumiu a posição antes ocupada pelos Estados Unidos, a de maior exportador de carne de frango, devido à proibição das exportações americanas de produtos avícolas em estados infectados com a Influenza Aviária. Além disso, 12 novos países importadores de carne de frango começaram a negociar com o Brasil, que passou a deter 43% do mercado mundial de carne de frango, contra 33% em 2003 (ABPA, 2005).

Rodrigues *et al.* (2014, p. 4) evidenciam o crescimento das exportações brasileiras entre 2000 e 2005, chegando a um aumento de 167,37%, sendo justificado pelas variações cambiais.

Com relação às variações cambiais ocorridas na década de 2000, destaca-se a mudança do regime cambial para um sistema flutuante, nos anos de 1999 a 2002, a moeda brasileira sofreu forte depreciação (*overshooting*), entretanto, o setor do agronegócio se mostrou beneficiado com essa desvalorização cambial, apresentando uma expansão significativa das exportações do agronegócio, demonstrado pela participação de aproximadamente 50% das exportações totais do Brasil no ano de 2002. Após o ano de 2003, com a valorização crescente do Real perante a moeda norte-americana, as exportações do agronegócio apresentaram constantes quedas em suas taxas de crescimento nos primeiros anos, crescendo apenas 11,64% no ano de 2005, porém a avicultura continuou apresentando crescimento das exportações. A reorganização da cadeia produtiva do frango de corte ocorreu principalmente através da implantação de modernas plantas industriais nos estados da região Centro-Oeste. Houve a ocupação de novas plantas da agroindústria avícola no cerrado brasileiro e em novos

projetos nos estados de Mato Grosso, Rondônia, Acre, Tocantins e no Nordeste brasileiro a partir de 2000.

A partir da década de 2000, o cenário se modificou e os focos de gripe aviária em países da Europa e da Ásia comprometeram o desempenho da avicultura brasileira de exportação em 2006. Também contribuiu para redução da rentabilidade das exportações a conjuntura desfavorável no câmbio no mesmo período. Verificou-se uma queda de 17,25% na comparação dos meses de dezembro de 2005 e dezembro de 2006 (ABPA, 2007).

O ano de 2007 foi de notável recuperação para o setor avícola brasileiro após a sequência de quedas no consumo mundial no ano anterior, com um aumento de 21% nas exportações em relação a 2006. Entretanto, a crise financeira (iniciada pela especulação imobiliária nos Estados Unidos) em 2008 fez com que um clima de incertezas dominasse o comércio internacional, pois foram criadas regras e obstáculos para as exportações (ABPA, 2008).

Em 2009, o setor exportador brasileiro de carne de frango foi fortemente impactado pela crise financeira internacional, uma das maiores crises mundiais superada apenas pela crise de 1929. Houve uma valorização do real frente ao dólar americano, além da redução de preços e de importação de países como Rússia, Japão e Venezuela. A receita cambial apresentou uma queda de 16,33% e as exportações uma queda de 0,3% (ABPA, 2010).

O ano de 2010, por sua vez, caracterizou-se por evoluções no setor brasileiro de produção de frango, de acordo com o Relatório Anual ABPA (2011). O crescimento da produção em 2010 foi impulsionado principalmente pelo aumento de consumo de carne de frango e pela expansão de 5,1% nas exportações. O Oriente Médio foi a principal região de destino da carne de frango brasileira, seguido de Ásia, África e União Europeia. Os desafios do setor continuaram a ser a convivência com um câmbio pouco confiável, o aumento nos custos dos insumos e os fracos incentivos governamentais em prol da competitividade da cadeia de produção.

A partir de 2012, as exportações brasileiras de carne de frango alcançaram recordes históricos em volumes em função da abertura de novos mercados, como é o caso do Paquistão, em 2013. A China autorizou, em 2014, cinco novas plantas industriais brasileiras para exportação, além das 24 já habilitadas. Além disso, foram registrados grandes volumes de exportação para a Venezuela, Emirados Árabes

Unidos, Arábia Saudita, Japão e outros grandes importadores. Neste período, a Rússia aumentou o número de empresas autorizadas a exportar para o país, favorecendo a cadeia produtiva de frango do Brasil (ABPA, 2014).

A avicultura mundial foi fortemente afetada pela crise econômica de 2015 (crise nacional política que afetou as exportações brasileiras e diminuiu a entrada de capital estrangeiro no país), quando aumentaram os custos de produção devido às altas do preço da soja e do milho. Contribuíram para a crise a greve dos caminhoneiros e dos fiscais federais agropecuários, que levou à redução dos fluxos das exportações. Com o fechamento parcial e total do Porto de Itajaí/SC, os embarques de produtos para exportação também foram afetados. Mesmo em face da crise, novos mercados abriram as portas para aves e ovos e o Brasil manteve sua competitividade, visto que a carne de frango se consolidou como quarto item da pauta exportadora nacional (ABPA, 2016).

A partir de 2017, após a profunda crise de imagem vivida pelo país em relação aos equívocos nas generalizações na divulgação da Operação Carne Fraca (operação deflagrada pela Polícia Federal do Brasil, em 2017, que investigou as maiores empresas do ramo avícola acusadas de adulterar a carne que vendiam nos mercados interno e externo), marcas profundas foram deixadas no setor produtivo para o público brasileiro e para os mercados internacionais. Com a apresentação dos esclarecimentos técnicos pela investigação, a situação foi contornada internamente, mas, no mercado internacional, restaram consequências. Foram aplicadas sanções às carnes de aves e de suínos do Brasil por 77 países. O bloqueio total às exportações brasileiras de carne de frango e de carne suína foi mantido ao longo de 2017 por Santa Lúcia, Trinidad e Tobago, e Zimbábue, enquanto outros mercados intensificaram o processo de inspeção das importações (ABPA, 2018).

Em vista desta situação, de acordo com o Relatório Anual ABPA (2018), uma série de estratégias de mercado foram lançadas para fortalecer a atuação do Brasil no mercado internacional. De acordo com tal documento:

Para enfrentar a maior crise de imagem da história do setor – a Operação Carne Fraca, a ABPA articulou uma série de ações simultâneas no Brasil e no exterior que, em conjunto com as ações das autoridades brasileiras, resultaram na retomada do setor à posição de um dos maiores exportadores mundiais de proteína animal. Foram realizadas ações contínuas voltadas ao combate de barreiras técnicas e sanitárias em diversos mercados

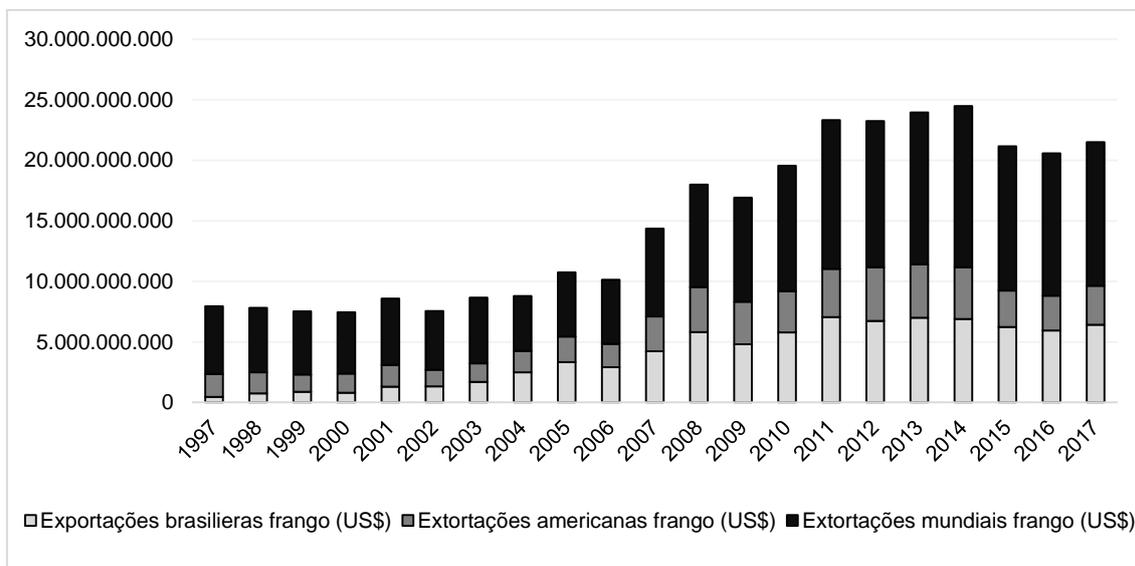
internacionais; ações específicas junto à *Emirates Authority for Standardization and Metrology*, entidade regulatória dos Emirados Árabes Unidos, para gestão de temas referentes ao abate *halal*; acompanhamento das notificações microbiológicas europeias e de outros países para o produto brasileiro com o objetivo de fomentar painel na OMC para alteração de critérios de salmonela para aceitação de cortes de frango na EU; elaboração do Manual de Prevenção e controle de Salmonela em abatedouro frigorífico de aves e na produção de ave, entre outros (ABPA, 2018, p. 6).

Como resultados dessas ações, o Brasil obteve a reabertura dos maiores mercados compradores das carnes de frango e de suíno, tais como África do Sul, Chile, China, Egito, Hong Kong, México, entre outros, totalizando o retorno de 96,5% das exportações nacionais da carne de frango e da carne suína. Conseqüentemente, houve a retomada da confiança dos consumidores nacionais e internacionais, além do fortalecimento institucional do setor.

4.2 Vantagem comparativa revelada do Brasil sobre os Estados Unidos

Até 2004, os Estados Unidos eram os maiores exportadores mundiais de carne de frango, e o Brasil ocupava a segunda posição. A partir daquele ano, devido a problemas fitossanitários em alguns estados dos Estados Unidos, essa posição inverteu, passando o Brasil a ocupar a primeira posição seguido pelos Estados Unidos (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Evolução das exportações brasileiras, americanas e mundiais de carne de frango: 1997-2017

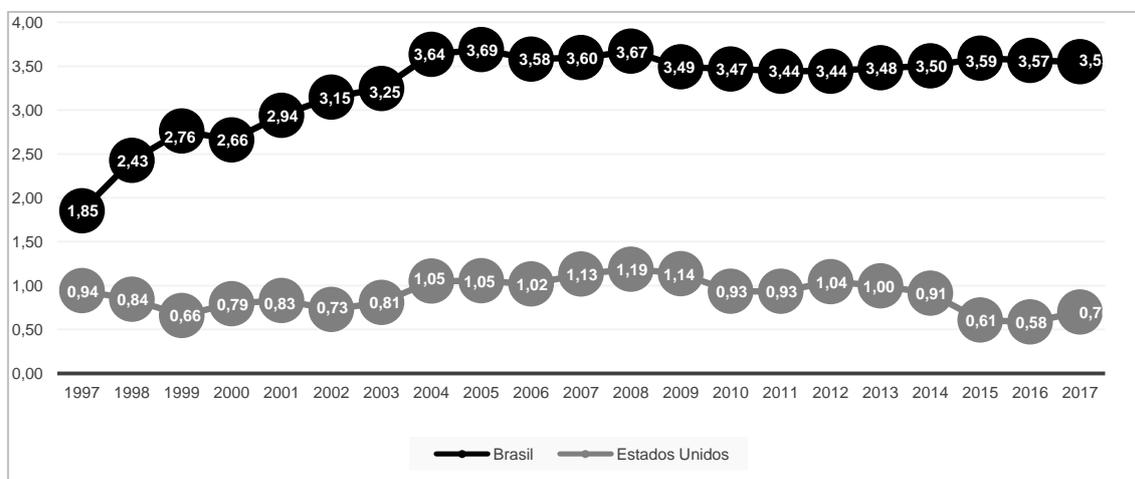


Fonte: Dados da FAO (2019).

Considerando o aumento da participação brasileira nas exportações de carne de frango, o cálculo do índice VCR pode auxiliar o setor público na formulação de políticas públicas setoriais visando estratégias competitivas para as indústrias do setor.

Sendo assim, foi calculado o referido índice para o Brasil e Estados Unidos, cujos resultados, para o período em foco, encontram-se no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Índice de Vantagem Comparativa Revelada entre Brasil e Estados Unidos: 1997-2017



Fonte: Resultados da pesquisa.

De 1997 a 2017, verifica-se que todos os índices foram superiores à unidade para o Brasil, o que demonstra o dinamismo e a importância do setor na pauta de exportações brasileiras. Apesar de haver alguns anos de queda, no geral, a vantagem revelada do Brasil sobre os Estados Unidos vem aumentando.

Destaca-se o ano de 2005 com o maior índice do período (3,69), que pode ser justificado pela troca de posição no *ranking* de exportação de carne de frango entre o Brasil e os Estados Unidos. Cabe ressaltar que a crise no setor nos Estados Unidos, em 2004, possibilitou ao Brasil a abertura desse mercado para outros países, ampliando as exportações brasileiras.

Contudo, mesmo com essa crise setorial, os Estados Unidos apresentaram dinâmica na vantagem revelada (valores acima da unidade) de 2004 a 2009, anos em que houve tanto a crise do setor quanto a crise financeira. Após queda em 2010,

a vantagem americana se recupera levemente em 2012 e 2013, caindo nos anos posteriores.

O que se observa, no geral, é que, enquanto os índices brasileiros vêm aumentando no decorrer dos anos, os valores do índice para os Estados Unidos mostram uma queda da vantagem revelada neste setor. Os índices inferiores à unidade indicam que as vantagens do país nas exportações de carne de frango são baixas, o que é totalmente pertinente, visto que a carne de frango não ocupa posição de destaque na pauta exportadora americana.

Durante todo o período, observa-se que o Brasil possui significativa vantagem sobre os Estados Unidos, que ocupa a segunda posição no *ranking* de exportação de carne de frango. Cabe ressaltar que, a análise da correlação entre esses índices revela que, apesar da divergência em alguns anos, ambos os países caminham na mesma direção, embora a correlação existente entre os índices seja baixa (0,26).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa pesquisa foi o objetivo deste trabalho é analisar a evolução das exportações brasileiras da carne de frango, destacando a competitividade delas em relação às exportações americanas de 1997 a 2017.

Frente ao panorama geral da evolução das exportações brasileiras de carne de frango entre 1997 e 2017, pôde-se observar que o Brasil vem se superando a cada ano e, mesmo com as crises nacionais e internacionais, o Brasil conseguiu contornar a situação, investindo na qualidade e no avanço tecnológico da avicultura brasileira, aumentando, assim, a competitividade do setor. Cabe ressaltar que o agronegócio brasileiro foi o que menos se prejudicou com as crises, pois a pauta exportadora brasileira é composta, em sua maioria, por produtos do agronegócio.

A vantagem comparativa revelada do Brasil sobre os Estados Unidos foi significativa. Os valores que representam essa vantagem mostraram que a carne de frango é um importante produto na pauta de exportação do Brasil, enquanto para a pauta de exportação americana, este produto não é um dos principais exportados pelo país. Isto justifica tanto a grande diferença entre os índices brasileiros e americanos quanto a baixa correlação existente entre os índices desses dois países.

As limitações desse artigo se resumem ao uso de um único índice para analisar a competitividade brasileira frente a americana. Sugere-se, para pesquisas

futuras, que outros índices sejam utilizados, e que outros focos possam ser dados a esse setor, que é de grande importância para o Brasil.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÍNA ANIMAL (ABPA). **Relatório anual** 2004; 2005; 2007; 2008; 2010; 2011; 2014; 2016; 2018; 2019. Disponível em: <http://abpa-br.org/publicacao-relatorio-anual-abpa/>. Acesso em 15 jan. 2020.

AVISITE. **Consumo mundial de carne de frango**. 2018. Disponível em: <https://www.avisite.com.br/index.php?page=noticias&id=18365>. Acesso em: 15 jan. 2020.

CARDOSO, B. F.; GALANTE, V. A. **Barreiras comerciais no comércio internacional: o caso da soja no Brasil**. In: SCHNEIDER, M. B. (Org.). A inserção internacional do agronegócio brasileiro no pós-crise. Curitiba: LedZe, 2014. Cap. 6.

CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA (CEPEA). **Frango/Perspectiva 2018**: Com excedente, setor dependerá de bom desempenho das exportações, 2018. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/releases/frango-perspec-2018-com-excedente-setor-dependera-de-bom-desempenho-das-exportacoes.aspx>. Acesso em: 27 out. 2019.

COSTA, S. **A saga da avicultura brasileira**: como o Brasil se tornou o maior exportador mundial de carne de frango. Rio de Janeiro: Insight; São Paulo: UBABEF, 2011.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA) . **Anuário 2018 da avicultura industrial** nº 11, 2017. Disponível em: <https://www.embrapa.br/documents/1355242/0/Artigo+CIAS+-+Panorama+da+avicultura+em+2017.pdf>. Acesso em: 17 out. 2019.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). Suínos e Aves. **Custos de produção de frangos de corte subiram 14,21% em 2018. 18/01/1019**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/suinos-e-aves/busca-de-noticias/-/noticia/40691218/custos-de-producao-de-frangos-de-corte-subiram-1421-em-2018>. Acesso em: 20 out. 2019.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO-STAT). Crops and livestock products. Disponível em: <http://www.fao.org/faostat/en/#data/TP>. Acesso em: 12 dez. 2019.

GOES, T. H. M; PONTILI, R. M. **O comércio internacional de bens do agronegócio brasileiro no contexto da crise de 2008**. In: SCHNEIDER, M. B. (org.) A inserção internacional do agronegócio brasileiro no pós-crise: a atuação da OMC, barreiras e políticas comerciais. Curitiba: LedZe, 2014. Cap. 3.

KUHN, S. L.; BRAUN, M. B. S. **Mapeamento da produção, exportação e as barreiras protecionistas impostas sobre as exportações do complexo carne brasileiro e paranaense.** In: SCHNEIDER, M. B. (Org.). A inserção internacional do agronegócio brasileiro no pós-crise. Curitiba: LedZe, 2014. Cap. 6.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA, INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS (MDIC). **Base de dados do Comex Stat.** Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/base-de-dados-do-comercio-exterior-brasileiro-arquivos-para-download>. Acesso em 12 dez. 2019.

RODRIGUES, W. O. P.; GARCIA, R. G.; NAAS, I. A.; ROSA, C. O.; CALDARELLI, C. E. Evolução da avicultura de corte no Brasil. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer, Goiânia, v.10, n.18; p. 1666-1684, 2014.

SALVATORE, D. **Introdução à economia internacional.** São Paulo: LTC, 2007.

SEGRE, G.; EIDELCHTEIN, C.; VASQUES, E. F.; GARCIA, L.; ASSIS, M. G.; REBONO, M.; CINTI, T. (Org.). **Manual prático de comércio exterior.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2018.

SILVA, M. A. P.; ROSADO, P. L. Oferta de exportação de carne de frango do Brasil, de 1992 a 2007. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v.49, n. 1, Brasília, p. 31-54, jan./mar. 2011.

SOUZA, M. H. **Barreiras comerciais e tarifárias no mercado avícola brasileiro no período de 2001 a 2017.** 99 f. Dissertação (Mestrado). Universidade do Extremo Sul Catarinense – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico, Criciúma, 2018.

THE WORLD BANK. Merchandise exports (current US\$). Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/TX.VAL.MRCH.CD.WT>. Acesso em: 12 dez. 2019.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (UNCTAD-STAT). Merchandise trade matrix – product groups, exports in thousands of United States dollars, annual. Disponível em: <https://unctadstat.unctad.org/wds/TableViewer/tableView.aspx?ReportId=24739>. Acesso em: 12 dez. 2019.